

REVOLUÇÃO

* Roberto Rodrigues

Lá em Cruz Branca tinha uma pequena, bem pequena mesmo, fábrica de fécula de mandioca. Funcionava precariamente, até porque a produção local de mandioca era insignificante. Mas durante a safra curta de 60 dias, dava emprego para meia dúzia de rapazes.

Um deles, Tavico, era foguista. Estava com uns 19 anos quando estourou a revolução de 1932. Forte e desempenado, era conhecido como valente e briguento: não tinha medo de nada. Mas vivia, como tantos outros daqueles tempos, de bicos: ora na fecularia, ora ajudando em alguma comitiva, levando gado de um lugar para outro, ora de servente de pedreiro, e assim ia, sem rumo e sem preocupação.

Mas valente era, de sobra. Havia uma lenda na região: a cruzinha que ficava na estrada, perto da qual nascera o vilarejo, fora erguida em memória de um padre que trazia a féria recolhida a cada 5 meses com as esmolas dos fiéis, para a sede do bispado, a uns 150km dali. Fora assaltado décadas atrás, e assassinado no local. Diziam que seu tesouro estava enterrado perto da cruz e, quem tivesse coragem de espantar os fantasmas em noite sem lua, e cavasse em volta, acharia o dinheiro e ficaria rico.

Pois o Tavico abriu um garrafão de cachaça, tomou umas 4 ou 9 doses e se mandou para lá, uma sexta-feira 13, que era para fazer serviço completo. Cavou, segundo ele, mais de meio alqueire de terra e não achou nada. Só voltou quando amanheceu o dia, amaldiçoando o desgraçado que inventara aquela besteira.

Pois bem: certa tarde, na hora do café, estavam ele e o Gordo, companheiro foguista e de outros fogos e folguedos, na rede esparramados, proseando. E o Gordo:

- Cê viu falá da guerra? Disse que tá feia, tem até gente morrendo.
- Vi sim, Gordo, deve de sê divertido.
- Cê fala ansim causa que nós tamo aqui tranquilo, bem na rede, papinho cheio, longe de tiroteio. Queria vê ocê lá...
- Ué, pois sô muito home de i lá, ué. Ocê qui é cagão e nem ia de jeito nenhum.
- Craro que ia! Se ocê ia eu também ia.

Com poucas frases mais se desafiaram, pediram licença ao capataz da fecularia, se mandaram para a vila e três dias depois viajaram, com outros 10 rapazes de toda a região, para Jundiaí, onde se integraram às forças paulistas revolucionárias.

Anos depois, Tavico contava que o “tar de Jundiaí era frio demais”, que tinha ganho um coturno pequeno que lhe esmagava os dedos acostumados às alpargatas, que de noite trocara de coturno com um pseudo dorminhoco e não o tirou mais dos pés, e outras narrativas de detalhes que faziam a alegria dos ouvintes.

O fato é que os amigos ficaram uns 15 dias em treinamento e foram para a frente de combate, no Vale do Paraíba, paramentados e armados pobremente...

Logo no primeiro dia, em São José do Barreiro, o sargento os mandou limpar as latrinas, nariz torcido (“nóis vinhem aqui para limpá cagadô aiêio?”). Depois foram construir trincheiras. Mas, no terceiro dia, enfrentaram um tiroteio danado. E sua munição era pouca, comparada à dos adversários, uma gauchada firme. Foram 3 dias de fuzilaria, durante os quais ficaram encolhidos nas valetas e deram um tiro a cada 30 minutos: “um despautério de desiguar”, dizia Tavico.

Na noite do quinto dia, com frio e com fome, sem munição, o Gordo disse:

- Que trem doido, sô! Bão, vim aqui nóis já vinhem! Já provemo que somo sordado: Vâmo imbora? Nem sabemo quem tá brigando com nóis!

E foram. Desertaram, sem saber o que era isso. Esconderam uniforme e fuzil no mato e se mandaram, a pé, para o Meio, onde chegaram 17 dias depois.

Até hoje não sabem para que lutaram...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**